



**Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação**  
**Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**  
FaBCI (Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação)

Gabriel Justino de Souza

**A influência italiana na cultura da cidade de São Paulo**

São Paulo

2015

Gabriel Justino de Souza

## **A influência italiana na cultura da cidade de São Paulo**

Trabalho Temático apresentado às disciplinas do segundo semestre de 2015 do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2015

GABRIEL JUSTINO DE SOUZA

A influência italiana na cultura da cidade de São Paulo

Trabalho Temático apresentado às disciplinas do segundo semestre de 2015 do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

BANCA EXAMINADORA

Adriana Maria de Souza (Mestre em Ciência da Informação)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Adriana Yázigi Abrão (Doutora em Educação)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Daniele Cristina Gonçalves Brene (Mestranda em Ciência da Informação)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Ivan Russeff (Livre Docente em Educação)

Assinatura: \_\_\_\_\_

José Mario de Oliveira Mendes (Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Maria das Mercês Pereira Apóstolo (Especialista em Educação)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Maria Rosa Crespo (Especialista em Psicopedagogia)

Assinatura: \_\_\_\_\_

William Vella Nozaki (Doutorando em Desenvolvimento Econômico)

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Resumo

Analisando a obra de Luiz Ruffato “Eles eram muitos cavalos” através da grande imigração ocorrida na cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX é possível perceber elementos que influenciaram a vida cotidiana da população paulista. Inicialmente descrevem-se os pilares fundamentais que foram lançados para construir a metrópole paulistana e como a produção cafeeira ajudou a fortalecer a economia. Com o fim do tráfico negreiro foi necessário incentivar a vinda de imigrantes de diversas origens, principalmente europeias para o Brasil. Eles desembarcavam no porto de Santos, lugar no qual muitos embarcavam rumo a capital de São Paulo e se alojavam na Hospedaria dos Imigrantes à espera de fazendeiros que os contratavam para trabalhar nas lavouras de café. No decorrer dessa análise, observa-se que muitos imigrantes influenciaram na construção de São Paulo, principalmente os italianos, que difundiram sua cultura na cidade que mais parecia uma Itália fora da Europa, seja em sua arquitetura, em sua culinária e até mesmo em suas festas tradicionais. Hoje se percebe como essa cultura se difundiu com a paulistana e como estão intrinsecamente ligadas e identificando-se isso nos pequenos detalhes imperceptíveis do dia-a-dia.

Palavras-chave: Cidade. São Paulo. Influência. Italiana. Cultura.

## Abstract

Analyzing the book written by Luiz Ruffato "Eles eram muitos cavalos" through the great migration that took place in São Paulo in the late nineteenth century and early twentieth century you can see elements that influenced the daily life of São Paulo population. Initially the fundamental pillars that were launched to build the metropolis and how coffee production has helped to strengthen the economy are described. With the end of the slave trade it was necessary to encourage the arrival of immigrants from diverse backgrounds, particularly Europe to Brazil. They disembarked in the harbour of Santos, the place where many boarded towards the capital of São Paulo and were staying at the Hospedaria dos Imigrantes waiting for farmers who would hire them to work in coffee plantations. During this analysis, it is observed that many immigrants influenced the construction of São Paulo, especially the Italians, who spread their culture in the city that looked like an Italy outside Europe, either in its architecture, its cuisine and even in its traditional festivals . Today we can realize how this culture is spreaded in São Paulo and how they are intrinsically linked, identified in the small details imperceptible in a daily basis.

Keywords: City. Sao Paulo. Influence. Italian. Culture.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>NASCE UMA CIDADE: SÃO PAULO.....</b>	<b>07</b>
<b>2.1</b>	<b>O café como promotor da economia paulista.....</b>	<b>08</b>
<b>3</b>	<b>NOVOS BRAÇOS PARA A CIDADE: OS IMIGRANTES.....</b>	<b>10</b>
<b>3.1</b>	<b>OS IMIGRANTES ITALIANOS.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1.1</b>	<b>A influência na cultura da capital paulista.....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Através do livro “Eles eram muitos cavalos”, de Luiz Ruffato, é possível perceber a cidade de São Paulo como uma grande metrópole e sua cultura cosmopolita. O autor revela em pequenos trechos e em alguns episódios de seu livro pequenas atitudes e até mesmo lembranças que formam o povo e a cultura de uma das maiores capitais do Brasil.

Uma cidade, que em seu início, não tinha tanta importância e só veio ganhar destaque anos depois com sua primeira faculdade de Direito e a cultura cafeeira no começo do século XIX e final do século XX respectivamente.

É impossível negar que a história da cidade não esteja ligada ao café, um produto que está na mesa dos paulistanos todos os dias e que muito contribuiu para a evolução, urbanização e industrialização da cidade.

Assim, a capital paulista começou a se desenvolver e a ser uma potência econômica do país. Em meados dos anos de 1880, São Paulo começa a receber uma leva muito grande de imigrantes vindos da Itália, do Japão, de Portugal, da Espanha e da Alemanha, dentre outros países.

Nota-se que muitas vezes o café está intrinsecamente ligado à história da cidade de São Paulo, mas pouco se analisa a questão dos imigrantes, principalmente os italianos, e as influências que estes deixaram na cidade que ajudaram a construir e a formar a identidade única que São Paulo possui, desde suas festas tradicionais, sua arquitetura e até mesmo a sua culinária, que foram absorvidos e incorporados à cultura paulistana.

O objetivo principal é mostrar quais foram os fatores que motivaram a vinda em massa desse povo para o Brasil e a se estabelecerem em São Paulo e como foi que esses emigrados constituíram um legado, passado para a sociedade paulista, se difundindo e perpetuando-se por um longo período, deixando marcas de sua cultura em uma cidade que já foi vista como a cidade mais italiana fora da Itália.

## 2 NASCE UMA CIDADE: SÃO PAULO

A cidade cenário e o ano para o desenrolar dos contos de Luiz Ruffato: “São Paulo, 9 de maio de 2000”. (2013, p. 13), é sem dúvida uma cidade fascinante e grande megalópole e para muitos de seus habitantes é difícil olhar para o passado e descobrir os pilares fundamentais que foram lançados para construí-la pois levando-se em consideração o ano que o autor escolheu, a metrópole já está firmada, e, nem de longe, aparenta ser a vila que foi fundada no século XVI. Como Claudionor afirma: “Os velhos morreram todos. A única coisa que resta é a memória da gente, mas o quê que é a memória da gente?” (RUFFATO, 2013, p. 76). O personagem busca evocar e questionar sobre suas origens, mas depois que as pessoas morrem, o que fica é tentar guardar as memórias, as conquistas e as derrotas de nossa história.

A história de nossa cidade começa quando um grupo de padres jesuítas comandados pelos Padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, procurando um local seguro para se acomodarem e catequizarem índios, subiram a Serra do Mar e encontraram um ponto ideal para se instalarem, já que tinha “ares frios e temperados como os de Espanha” e “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas” (SAMPAIO, 2014).

A primeira construção do então povoado de São Paulo de Piratininga seria um colégio num monte próximo aos rios Tamanduateí e Anhangabaú e, para comemorar, celebraram uma missa, iniciando o vilarejo no dia 25 de janeiro de 1554.

Para elevar o seu status de vilarejo para cidade passaram-se 157 anos, quando foi ratificada a decisão pelo rei de Portugal. Nesse período, São Paulo ainda era o local do qual partiam as expedições dos bandeirantes que exploravam o interior do Brasil em busca de riquezas e de índios para trabalharem como escravos em lavouras. Já em 1815 a cidade se transformou na capital da província, mas somente em 1827 ganharia sua primeira faculdade, de Direito, no Largo São Francisco, o que fez com que a cidade se tornasse um centro intelectual e político do país.

Segundo Matos (1958, p. 66 apud GARCIA, 1993, p. 148):

“Se até 1870 continuou a ser uma "cidade acadêmica" ou um "burgo de estudantes", gravitando sua vida em torno da Faculdade de Direito, a partir daquela data a capital paulista como que rompeu as barreiras que a cingiam à colônia histórica, pôs-se a expandir-se de



maneira sempre crescente e imprevisível, viu alterar-se seu ritmo de vida, passou a conhecer funções novas, modernizou-se, num caminho rápido e seguro para o espetacular crescimento registrado no século atual.”

A faculdade, sem dúvidas, influenciou na construção de uma cidade mais politizada e moderna mas foi somente com a expansão da cafeicultura no final do século XIX é que ela se tornou um importante centro econômico.

## **2.1 O café como promotor da economia paulista**

O café está presente no dia a dia do paulistano e o autor da obra “Eles eram muitos cavalos” demonstra como essa cultura está arraigada na cidade e no cotidiano paulistano:

“O marido que sentado à mesa levava à boca uma xícara de café com a mão direita, enquanto a esquerda segurava aberto um livro, ligeiramente inclinado [...] Mastiga o pedaço de pão, empurra-o com o resto do café. [...] (O marido enche a xícara de café, acende um cigarro, uma lava-pé escala sua mão aberta)” (RUFFATO, 2013, p.23)

O autor demonstra bem o dia-a-dia do paulista, sempre tomando sua xícara de café acompanhada de um pão na chapa, só que, o que muitos não sabem, é que este produto tão apreciado está intimamente ligado com a história da cidade sendo que o café foi plantado pela primeira vez no Brasil em 1727, disseminando-se rapidamente pelo país durante o século XVIII. Seu valor comercial, no começo, era pequeno e o seu consumo se restringia à própria fazenda, para o consumo familiar. No começo do século XIX essa situação muda, embora o Brasil tivesse exportações agrícolas tradicionais como o açúcar, algodão e fumo, a procura mundial pelo café brasileiro começava a aumentar. (MOTA, 2007, p. 23)

Ainda para Mota (2007) a grandeza assumida pela cultura do café, em meados do século XIX, conseguiu ultrapassar a cultura açucareira do nordeste, sendo que foi transferida para a região centro-sul do Brasil a cultura cafeeira, se tornando assim a nova região econômica e política do país. O primeiro lugar a ser favorecido pela cultura do café foi o vale do Paraíba, antes da estrada de ferro,

sendo que capital paulista, foi pouco afetada pelo surto inicial do café, já que a região do Paraíba era economicamente tributária do Estado do Rio de Janeiro.

Para Garcia (1993, p. 148) São Paulo só começa a mudar a partir da segunda metade do século XIX; o desenvolvimento observado a partir de 1880 tem como causa fundamental a expansão da cafeicultura. O café se torna direta e indiretamente responsável pelo processo de evolução da cidade. E São Paulo deixa de exercer apenas a função cultural e política para se tornar um centro econômico de grande peso no país. Então, no final do século, estabelece-se a função econômica da cidade, que será dividida entre a agricultura cafeeira e a industrialização.

Ainda segundo o autor o processo de urbanização se intensifica, pois muitos fazendeiros passam a ter residências na capital, contribuindo para o aumento demográfico da mesma, sendo que o aumento populacional só iria ocorrer em meados dos anos de 1890, quando a cidade começa a expandir-se em todas as direções a partir de sua colina central.

Outro benefício trazido pelo café foi a malha ferroviária construída para escoá-lo até o porto de Santos. Dessa maneira, a “metrópole do café” foi inteiramente beneficiada por situar-se em um ponto estratégico para o transporte desse produto.

Graças à expansão da agricultura cafeeira, São Paulo começou a crescer, mas com o fim do tráfico negreiro, precisou-se de nova mão de obra, como afirma Grieg (2000, p. 51): “Desde a extinção do tráfico negreiro, em 1850, a carência de braços na lavoura preocupava os fazendeiros. Difundiu-se que a única solução era promover a imigração de trabalhadores europeus.”

### 3 NOVOS BRAÇOS PARA A CIDADE: OS IMIGRANTES

Com a repressão contra o transporte e a venda dos escravos adotada em 1850, a corrente imigratória africana vinda em direção ao Brasil foi praticamente interrompida. O nascimento de negros continuava muito baixo de tal maneira que não havia outra saída a não ser promover a imigração europeia.

Muito se fala a respeito de imigrantes, mas no contexto que será abordado, Mota (2007, p. 48 apud Simmel, 2005, p. 265) define:

“O estrangeiro é visto e sentido, então, de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecimentos parentais, locais e profissionais. E que se parece próximo, na medida em que a ele o outro da relação se iguala em termos de cidadania, ou em termos mais social, em função da profissão, criando laços internos entre as partes inter-relacionadas. O estrangeiro parece mais distante, por outro lado, na medida em que esta igualdade conecta apenas os dois da relação de forma abstrata e geral, não havendo assim laços de pertença. Na relação com um “estrangeiro” ou “estranho”, em um sentido positivo, porém, o que existe é um não-relacionamento. Nos contatos possíveis, ele, o estranho, é sempre considerado alguém de fora, como um não membro do grupo, portanto, as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo, mas partindo das características essenciais de que também ele é um membro de um outro determinado grupo. Como tal, os contatos com ele são, ao mesmo tempo, estreitos e remotos, na fragmentação das relações por onde uma abstrata igualdade humana em geral se encontra.”

Já Ruffato (2013, p. 34) analisa: “... são imigrantes, são baianos, mineiros, nordestinos, gente desenraizada sem amor à cidade para eles (você e seus quatrocentos anos! vão se) fez é uma cidade magnífica...”

Mota (2007) ainda ressalta que estas considerações são pertinentes quando se analisam os mecanismos que desencadearam o movimento de imigração para a cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX e da influência que estes exerceram na transformação do espaço urbano-rural em espaço urbano industrial que aconteceu na cidade de São Paulo.

Segundo Andrade (1991, Apud Castro, 2010, p. 79) foram várias tentativas para tentar trazer o imigrante. Uma delas foi à introdução de imigrantes por iniciativa dos cafeicultores que os empregava no sistema de parceria. A outra era colocar os imigrantes como pequenos proprietários rurais em núcleos coloniais oficiais.

Em 1850 foi criada a Lei de Terras que instituía o acesso à propriedade da terra por meio da compra e que envolvia na imigração financiada pelo Estado, livrando os fazendeiros de pagarem os custos com a viagem e o estabelecimento dos imigrantes. Esse procedimento liberava-os da dívida adquirida com os fazendeiros no processo de imigração.

Após vários debates, foi criada em 1871, na província de São Paulo, o financiamento da vinda de trabalhadores europeus e 15 anos depois foi criada a Sociedade Promotora de Imigração, com a adesão de grande número de fazendeiros e com a proposta de fazer pressão sobre o governo para obter mais financiamento para a imigração.

No Estado de São Paulo o imigrante era apenas um assalariado que iria trabalhar nas lavouras de café; foi elaborada, então, uma ideologia de trabalho que introduzia o imigrante na lavoura, fazendo com que ele permanecesse na fazenda de café como colono, garantindo a sobrevivência da economia colonial e o fluxo migratório.

Quando vinham para o Brasil e posteriormente para São Paulo imaginavam prover o sustento para si e para a família por meio da terra e da venda de excedentes da produção, mostrando a pré-disposição para trabalhar arduamente, buscando ideais para uma condição de vida melhor. Eles estavam fugindo da Europa por causa do desemprego generalizado simultaneamente associado ao período de guerras.

A maioria deles desembarcava no porto de Santos e, em seguida, eram encaminhados à São Paulo, para a hospedaria ou alojamento que o governo mantinha nos bairros do Brás e do Bom Retiro. A Hospedaria dos Imigrantes foi criada em 1886 e funcionava mediante ao aviso telegráfico da Inspetoria de Imigração, sediada em Santos, sobre a partida de alguns imigrantes. Então, o alojamento paulistano providenciava refeições e agasalhos, podendo o imigrante permanecer ali por até oito dias.

A hospedaria também funcionava como uma central de emprego pois os fazendeiros de café conseguiam muitos trabalhadores indo até lá, onde juntamente com os imigrantes, assinavam o contrato, com a intermediação do intérprete fiscal.

Desse modo, o processo imigrantista para o Brasil foi um dos maiores ocorridos de todos os tempos. Entre o final do século XIX e começo do século XX, estima-se que mais de 10 milhões de europeus atravessaram o Atlântico porque vinham “fazer a América”.

Segundo Carelli (1985, p.16) é importante lembrar que não somente italianos vieram para o Brasil, como também imigrantes de origens diversas, sendo eles: judeus, portugueses, espanhóis, alemães, sírios, libaneses, ingleses, franceses, poloneses e mais tarde húngaros e japoneses. Ruffato (2013, p. 33) valida o que o autor escreve: “o vizinho japonês é da Opus Dei, [...] Às vezes cruza a japonesa no elevador [...]” e em outro conto demonstra: “a professora uma italianona abrutalhada mas muito boa [...]” (RUFFATO, 2013, p.90). Dessa maneira os autores demonstram que São Paulo sofreu uma influência muito forte de imigrantes que até hoje pode ser perceptível na cidade.

### **3.1 OS IMIGRANTES ITALIANOS**

Em 1888, ano da abolição da escravidão, começa o que historiadores chamam de “a grande imigração”, na qual muitos italianos emigraram para o Brasil. Segundo Carelli (1985, p. 23), entender a dimensão desse fenômeno explicado pela conjunção da necessidade de braços para as plantações de café com a necessidade de emigrar, em que se encontrava parte da população italiana, que enfrentava a miséria de camponeses, a superlotação do país, mas também da desigualdade na repartição de terras, impostos muito altos, castigos naturais e de epidemias, nos ajuda a compreender o motivo de tantos italianos virem para o “país do futuro”.

Foi particularmente mais na Itália do que em qualquer outro país europeu que se fez uma propaganda massiva para arrebanhar mais trabalhadores, mostrando que o Brasil era um paraíso, com bom clima, terras muito férteis e

acessíveis, além de prometer que enriqueceriam rapidamente (GRIEG, 2000, p. 53)

Em 1890, quando a população italiana se dirigia em massa para o Brasil, muitos já haviam chegado aos Estados Unidos, só que a diferença é que os imigrantes que chegavam lá eram em sua maioria, jovens que buscavam ganhar dinheiro o mais rápido possível e regressar de volta para a sua pátria, já os emigrados que vieram para o Brasil buscavam radicar-se aqui.

As dificuldades já começavam desde o momento de embarque. A maior parte era recrutada por agenciadores, que os acompanhava até o momento do embarque, fornecendo os documentos necessários para a viagem. Esses agentes recebiam por imigrante embarcado, usando de todos os meios lícitos ou ilícitos, iludindo muitos, que acreditavam que iam para a América do Norte. O embarque de muitos era feito principalmente em Gênova e Nápoles (GRIEG, 2000).

Através do episódio 40 (Onde estávamos há cem anos), Ruffato (2013, p. 71) nos demonstra exatamente isso:

: E vocês? Estão vindo de onde?

: De Veneza.

: Veneza! Gostaram?

: Nossa! Muito!

: Vocês são... argentinos?

: Não brasileiros!

: Ah! Brasileiros! Se me permitem, o que vocês fazem por aqui?

: Vim conhecer a terra-natal do meu avô...

: Ah, o seu avô era da região?

: De Mira.

: Mira! Belo lugar! E vão para onde agora?

: Gênova.

: Gênova? Mas... Vocês têm parentes lá? Algum interesse especial?

: Não... É que... foi lá que meu avô tomou um navio pra Santos...  
pro

Brasil...

Os imigrantes que vinham de Santos permaneciam em São Paulo, na Hospedaria dos Imigrantes, até que fazendeiros os contratassem por meio dos agentes de imigração. Muitos desses imigrantes eram recrutados para trabalharem nas lavouras do interior, nas indústrias e no comércio da capital paulistana, na qual, muitos se alojaram principalmente, nos bairros do Brás, Bexiga, Bom Retiro, Barra Funda e Belenzinho.

Como observou Cenni (2002):

Muito embora as grandes massas de imigrantes tivessem se dirigido para a lavoura e a urbanização viesse a ter sua maior expansão depois do período áureo da imigração, é preciso lembrar que esta era formada em sua maior parte de assalariados, constituindo o embrião de uma futura classe média, elemento essencial a qualquer industrialização. Além disso, durante o período mais intenso da imigração as plantações de café reclamavam um número cada vez maior de trabalhadores. Os paulistas habituados a esse gênero de trabalho, que em geral preferiam a qualquer outro, não se mostravam dispostos a renunciar a um campo tradicional de atividades para se dedicar à indústria, enquanto, ao contrário, muitos imigrantes que se tinham dirigido ao campo procuravam depois as cidades ou, chegando ao Brasil, empregavam-se diretamente nos estabelecimentos industriais, pois em levadas sucessivas vieram da Itália também grandes grupos de operários.

O fluxo de imigrantes que vinham das fazendas de café em conjunto com os que chegavam do porto de Santos contribuiu para o aumento da população na cidade de São Paulo (CASTRO, 2010, p. 80) e, com a construção da Hospedaria dos Imigrantes, o Brás se tornou propício para construção e implementação de fábricas, se tornando assim um reduto fabril da cidade.

Era natural que operários e artesãos quisessem desenvolver sua atividade em setores já conhecidos, no qual encontrariam um campo propício para às suas ambições e capacidade de trabalho, transformando assim, num curto período de tempo, pequenas oficinas em verdadeiras fábricas. E ainda viriam a se constituir de uma massa consumidora cuja capacidade aquisitiva aumentava gradativamente (CENNI, 2002).

Um exemplo da criatividade e do empreendedorismo dos italianos na cidade é demonstrada na obra de Ruffato (2013, p. 72):

O avô tinha uma serralheria na Barra Funda e tudo o que ganhava despejava no colo de mulheres suspeitas e insuspeitas. [...] A avó sustentava a casa e os seis filhos lavando roupa, passando, costurando, fabricando embutidos. Antônio, o pai de Henrique, tornou a atividade de fim de semana da mãe em ofício do dia-a-dia e logo eram donos de um frigorífico, que galgou nome e cujo prédio nem um tijolo mais existe.

A força de vontade de trabalhar e de reconstruir a vida no Brasil permitiu que os italianos ajudassem a construir a cidade de São Paulo, contribuindo de diversas maneiras com o processo de industrialização da cidade.

Conforme Carelli (1985, p. 29) a imigração inquieta os paulistas por diversos motivos, pois já não é o medo de serem absorvidos pela cultura italiana, como no

início do século XX, pois essa era a impressão que muitos tinham: que perderiam a nacionalidade e seriam absorvidos pela cultura, mas o despertar de consciência de que a vinda dos emigrados corresponde com um momento de transformação radical da cidade, transformando completamente a aparência urbana, as estruturas econômicas, as relações sociais e principalmente a vida cultural da cidade.

### **3.1.1 A influência na capital paulista**

Com o início do século XX, São Paulo, uma cidade puramente paulista que com a virada do século mais parecia uma cidade italiana (PINTO, 1900, p. 9 Apud CARELLI, 1985, p. 30) e segundo o historiador Leite (1954 apud CENNI, 2002, p.16) que registra a passagem de um mineiro ao chegar a São Paulo em 1902: “Os meus ouvidos e os meus olhos guardam cenas inesquecíveis. No bonde, no teatro, na rua, na igreja, falava-se mais o idioma de Dante que o de Camões. Os maiores e mais numerosos comerciantes e industriais eram italianos. Os operários eram italianos”. Dessa forma os autores



mostram efetivamente a forte influência que a comunidade italiana começava a exercer sobre a cidade de São Paulo.

Carelli (1985, p. 22) ainda nos afirma que a maior parte de imigrantes que desembarcaram no Brasil entre 1871 e 1920 eram italianos. A maioria deles se fixou no Estado de São Paulo, pois os grandes proprietários de terras favoreciam a vinda desta mão-de-obra. Essa grande quantidade de imigrantes fazia com que São Paulo mais parecesse uma Itália fora da Europa, pois até mesmo os italianos colaboraram para essa reflexão. O professor Antonio Piccarolo (1913 apud CARELLI, 1985, p. 31), intelectual socialista, ao chegar à cidade, em 1904 relata que “Tinha-se a impressão de estar na Itália, na Itália de além-mar, para onde, juntamente com a língua, são transplantados os costumes, as tradições domésticas, as festas populares, tudo enfim que nos pode lembrar de coração a nossa terra de origem.”

Dos muitos legados dos italianos, a festa de São Vito Mártir é um dos eventos mais tradicionais da cidade de São Paulo, no qual podemos encontrar diversas comidas típicas italianas e Cenni (2002, p. 265) observa que a festa de São Vito Mártir era organizada no Brás pelos italianos oriundos de Polignano a Mare e ainda construíram no bairro uma paróquia igual à de sua terra natal. E foi numa festa que um vêneto encontra sua amada, assim descreve Ruffato (2013): “)O vêneto Giacomo enamorou-se da napolitana Maria, numa festa no Brás.” Ao que tudo indica, é provável que o personagem da história de Ruffato, encontrou sua futura esposa na festa tradicional que ocorria no Brás.

Nesse trecho: “Suas coxas erigem os passos do viaduto do Chá. Na banca, frente ao Teatro Municipal, exibem-se anéis [...]”, Ruffato (2013, p. 44) revela de forma sutil, uma das heranças deixadas pelos italianos, a arquitetura. Castro (2010, p. 77) valida a informação ao relatar que os italianos interferiram também na arquitetura como a criação do edifício Martinelli (primeiro arranha-céu de São Paulo e da América Latina) e do Teatro Municipal e ainda segundo Cenni (2002 apud BOSI, 2002, p. 18) “não deixa de ser significativo o fato de o Museu Paulista, dedicado à memória de nossa Independência, ter sido projetado por um engenheiro piemontês, [...] O realizador do projeto do museu também era italiano: foi o construtor florentino Luigi Pucci”.

Além da arquitetura e das festas, outro patrimônio que os italianos deixam pra São Paulo é sua gastronomia, Ruffato (2013, p. 90) nos revela diversas vezes essa interação com a culinária italiana como, por exemplo, no episódio 48. Minuano onde destaca: “[...] onde os três pontos minúsculos eram seu pai e seus irmãos os chapéus em cima da cabeça e sua mãe na cozinha preparava o almoço polenta com galinha no molho [...]” e outro episódio o autor destaca o hábito que os paulistanos têm de comer pizza: “já sei vamos sair e comer uma pizza que tal e a madrugada se dissipa” (RUFFATO, p. 21) para corroborar a ideia do autor, Collaço (2009, p. 131) afirma que, a polenta é um prato típico italiano que é muito difundido no norte da Itália que foi disseminada no Brasil principalmente pela comunidade veneta, ainda segundo o autor a pizza congrega ao redor da mesa e pode ser consumida fora ou em casa, pode ser feita com diversos ingredientes agradando paladares distintos, a pizza se transforma em um prato que irá definir ‘a cara de São Paulo’ e, apesar de suas origens serem italiana, parece que isso veio lhe atribuir, maiores grandezas. Com isso não se discutia mais o que era autêntico ou não, mas o que representava uma cultura distinta que aos poucos foi se incorporando aos moldes paulistanos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, sou levado a acreditar que o autor do livro “Eles eram muitos cavalos” foi de uma maneira sutil, referenciando a influência que os italianos exerceram sobre a cidade de São Paulo.

Dessa forma, observa-se um elemento que contribuiu para a vinda de muitos imigrantes para a cidade, o café, pois os fazendeiros precisavam substituir a mão de obra escrava por novos braços e também branquear a população. Dessa maneira chegou-se ao consenso de trazer imigrantes europeus, principalmente os italianos, sendo que a Itália foi o país que mais recebeu propagandas a respeito de um “país do futuro” no qual eles enriqueceriam rapidamente.

Muitos italianos embarcavam na cidade de Gênova e Nápoles, cidades referenciadas por Luiz Ruffato, e vinham para capital paulista e estabeleciam-se na Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, onde fazendeiros os contratavam para trabalhar nas lavouras de café.

Tempos mais tarde, eles deixariam as plantações de café rumo a capital em busca de melhores oportunidades de vida; foi a época em que a cidade sofreu transformações como a industrialização e a urbanização.

Foi através dos italianos que São Paulo recebeu seu maior legado, seja em sua arquitetura, como o Teatro Municipal, suas festas tradicionais, como a festa de São Vito no Brás ou na comida como a polenta e a pizza.

Todos estes elementos são referenciados na obra de Ruffato nos remetendo a uma cidade que incorporou em sua cultura os trejeitos italianos, e que se estivermos atentos e observarmos em cada lugar, perceberemos traços desse povo e de seus costumes enraizados em nossa cidade nos seus pequenos detalhes.

## REFERÊNCIAS

CARELLI, Mário. **Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção: 1919-1930.** São Paulo: Ática, 1985.

CASTRO, Danilo Martins de. **As dinâmicas sócio-espaciais nos bairros operários da capital paulista.** 2010. 114 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/95558>>. Acesso em: 11 out. 2015.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: andiamo in'Merica.** 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. **Sabores e Memórias: cozinha italiana e construção identitária em São Paulo.** 2009. 279 f. Tese –(doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22022010-125038/pt-br.php>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. O urbano paulista e botucatuense: algumas considerações. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 16, 1993. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/106946>>. Acesso em: 11 out. 2015.

GRIEG, Maria Dilecta. **Café: histórico, negócios e elite.** São Paulo: Olho d'água. 2000.

MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930.** 2007. 181 f. Dissertação – (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=219](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=219)> . Acesso em: 02 nov. 2015.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos.** 11. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2013.

SAMPAIO, Leandro. **História de São Paulo.** Disponível em: <<http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/a-cidade-de-sao-paulo>> Acesso em: 05 out. de 2015.